

Cine Teatro Capitólio em Porto Alegre, templo de arte dramática, lugar de memória

Theater and Cinema Capitólio in Porto Alegre, temple
of dramatic art, place of memory

Gunter Axt¹

Resumo

Este artigo analisa aspectos da trajetória do Cine-Theatro Capitólio, inaugurado em 1928, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e hoje convertido em um centro de cultura, a Cinemateca Capitólio Fundacine-Petrobrás. O artigo relaciona a evolução arquitetônica do prédio ao longo do tempo e seus diversos usos com uma síntese da história do cinema e da organização urbana do perímetro central de Porto Alegre. O antigo palácio de cinema hoje reencontra sua vocação como lugar de memória.

Palavras-chave: Cine-Theatro Capitólio; cinema; teatro; Porto Alegre; Cinemateca Fundacine-Petrobrás

Abstract

This article analyzes aspects of the trajectory of the Cine-Theatro Capitólio, inaugurated in 1928, in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, and today converted into a center of culture, the Fundacine-Petrobras Cinematheque. The article relates the architectural evolution of the building over time and its various uses with a synthesis of the history of cinema and the urban organization of the central perimeter of Porto Alegre. The old movie palace today finds its vocation as a place of memory.

Keywords: Cine-Theatro Capitólio; cinema; theater; Porto Alegre; Cinemateca Fundacine-Petrobrás

E-ISSN: 2358.6958

¹ Doutor pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos Diversitas, da Universidade de São Paulo (USP). Editor-chefe da revista *Interfaces Brasil/Canadá*. gunter@terra.com.br

meira Guerra Mundial, o cinema europeu desorganizou-se e a produção tendeu a se concentrar nos Estados Unidos, mais precisamente em Hollywood (Bordat, F., Etcheverry, 1995; Trusz, 2010).

O cinema norte-americano consolidou-se rapidamente, em todos os seus gêneros: western, policial, comédia, musical.... Os filmes ganharam mais tempo de exibição, alcançando os 90 minutos. Firmou-se uma indústria de produção em série, assim como uma rede de salas de exibição, que proliferavam por todo o mundo. Surgiram os grandes estúdios e as fábricas de estrelas e de celebridades, de sonhos. Ditava moda, influía nos costumes, encantava multidões (Gastal, 2005).

Mary Pickford era a “noivinha da América”. Greta Garbo hipnotizava o mundo. Nomes como Theda Bara, Tom Mix, Douglas Fairbanks e Rodolfo Valentino encantavam as platéias dos anos 1920. No gênero comédia, Buster Keaton e Charles Chaplin arrebatavam multidões. Mas foi a genialidade de Chaplin, com seu personagem Carlitos, que marcou esta época. O vagabundo de bengala, chapéu-coco e calças largas foi imortalizado em produções como *O Garoto*, de 1921, e *Luzes da Cidade*, de 1931 (Schwarzman, 2005).

Nos anos 1910, alguns comentaristas nos jornais entendiam que o teatro estava fadado a desaparecer. As vantagens do cinema residiram em oferecer mais diversão do que arte ao público, além de mais dinamismo e preços módicos. Já aqueles defensores da arte dramática nos palcos, reclamavam que o cinema não passava de teatro sem fala, e de baixa qualidade, corruptor e medíocre. Alguns achavam que o teatro tinha um papel educativo e de formação cívica, compromisso desprezado pelo cinema. Temiam ainda que o cinema estabelecesse concorrência com a leitura e assim acabasse por condicionar uma geração de iletrados, viciados na animação fácil, na perspectiva imagética, ao invés da reflexiva. As percepções estavam erradas. Ambos os gêneros ainda brilharão muito ao longo do século XX, enquanto cinema e literatura apenas se reforçaram mutuamente ao longo dos anos (Steyer, 1998, p. 189).

Havia já quem se queixasse de certas temáticas. O erotismo insinuado em alguns filmes – como olhares, piscadelas, pernas à mostra, etc... – foi considerado como atentado à boa moral e aos bons costumes. Alguns comentaristas, por sua vez, repeliam as representações depreciativas e preconceituosas que o cinema estado-unidense já espalhava sobre latino-americanos e indígenas. Havia, finalmente, restrições a cenas consideradas violentas. Muitas películas não eram franqueadas, por isso, às mulheres, já que os pudores da época as percebiam sob ameaça de tais abordagens (Steyer, 1998, p. 210, 226).

Ao final dos anos 1920, o som foi associado à projeção, revolucionando a técnica e abalando convicções. Muitos diretores resistiram à inovação, dentre eles, o próprio Chaplin. O primeiro filme inteiramente falado foi *Luzes de Nova Iorque*, do diretor Brian Foy, lançado em 1928. Em 1930, mais da metade do cinema produzido nos Estados Unidos era falado. *O Anjo Azul* (1930), de Joseph von Sternberg, e *M, o Vampiro de Düsseldorf* (1931), de Fritz Lang, ambos produzidos na Alemanha, foram alguns dos grandes títulos que marcaram este novo momento (Gastal, 2005).

Em Porto Alegre, não faltou quem identificasse problemas na qualidade das legendas, consideradas pretensiosas ou inadequadas. Mas pior, ainda, todos concordavam, eram as dublagens (Steyer, 1998, p. 180).

Foi neste contexto que nasceu, em Porto Alegre, o Cine-Theatro Capitólio. O ano era 1928.

Por esta época, a provinciana vila às margens do Lago Guaíba, que abrigava a Capital do Estado do Rio Grande do Sul, era sacudida por uma onda de mudanças que pretendia transformar a sua fisionomia, dando-lhe ares de metrópole. Em 1928, o jovem político Getúlio Dornelles Vargas chegava ao Governo do Estado, depois de décadas de consulado do circunspeto Antônio Augusto Borges de Medeiros, prometendo uma administração ágil e moderna.

A inauguração da Usina Termoelétrica da Volta do Gasômetro, mais tarde apelidada simplesmente de Usina do Gasômetro, encarnava o símbolo desta modernidade. Os becos escuros iam sendo inundados pela luz cristalina das novas luminárias, o serviço de bondes aprimorava-se e a eletricidade chegava mais facilmente aos lares e às indústrias dos porto-alegrenses (Axt, 1998).

Inaugurada no mesmo ano, a Hidráulica do Moinhos de Vento traduzia igualmente este espírito, ampliando e melhorando o serviço de água tratada na cidade. A arquitetura e o urbanismo refletiam estas transformações. Os intendentes, como eram na época chamados os prefeitos, Otávio Rocha e Alberto Bins promoviam uma ampla reformulação da cidade (Franco, 1992; Spalding, 1967).

O Rio Grande passava por um período de efervescência. No recenseamento de 1918, Porto Alegre acusou 179.053 habitantes. O centro da cidade transformava-se radicalmente. O cais fora aterrado e a construção do porto tivera início. Surgiram as ruas Uruguai, Siqueira Campos e Sete de Setembro. Construídos os majestosos edifícios da Delegacia Fiscal (atual MARGS) e dos Correios e Telégrafos (atual Memorial do RS). Praças eram ajardinadas e ruas calçadas. O Palácio Piratini foi ocupado em 1921. Os bairros industriais de Navegantes, Floresta e São João se consolidavam (Axt, 2018).

O Centro esparramava-se para além da Rua Duque de Caxias, em direção à zona sul, com a construção do Viaduto Otávio Rocha e a abertura da Avenida Borges de Medeiros. Estas duas obras majestosas valorizaram uma área que até então recebia pouca atenção (Bakos, 1996). Foi ali, numa das áreas mais requisitadas da Capital, na esquina da recém-inaugurada Avenida Borges de Medeiros com a Rua Demétrio Ribeiro, que nascia o Cine-Theatro Capitólio.

O cinema já se tornara entre os porto-alegrenses um hábito cultural enraizado havia muito. Em 1897, menos de um ano depois dos parisienses terem assistido a novidade dos irmãos Lumière, o invento era conhecido pelo público brasileiro, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Não demorou a que chegasse a Porto Alegre. No dia 4 de novembro do mesmo ano promoveu-se uma sessão na Farmácia Jouvin, na Rua da Praia (Damasceno, 1974; Trusz, 2010).

No início, era uma curiosidade exibida em feiras. Evoluiu para uma manifestação de massas, que sensibilizava especialmente as classes populares. Aos poucos, tornou-se um fenômeno encampado pelas elites. Foi quando começaram a surgir as grandes e sofisticadas salas de espetáculos, inspiradas nos teatros de ópera.

O primeiro espaço destinado especificamente ao cinema em Porto Alegre – o Recreio Ideal – foi inaugurado em 1908. Ficava na Rua da Praia, em frente à Praça da Alfândega. Junto a esta sala de exibição, durante os anos 1910, funcionou também

um estúdio e um laboratório para a produção local de filmes. O megacinetatro Coliseu foi inaugurado em 1910, com capacidade para 2.500 pessoas sentadas. O Cineteatro Apolo, estabelecido na moderna avenida Independência, surgiu logo em seguida (Damasceno, 1974; Axt, Longhi, Wild, 2008).

Aos poucos o sistema organizou-se. Com as salas fixas, podiam ser projetados filmes mais longos em horários pré-determinados. Com a disseminação da energia-elétrica e do serviço de bondes, as pessoas sentiam-se mais confortáveis também para sair à noite. Os horários das linhas foram conciliados com o início e o fim das sessões. Os cinemas ganharam elegantes salas de espera que se converteram em locais de socialização. As pessoas se reuniam ali para verem e serem vistas, para encontrar os amigos. Eram espaços seguros e resguardados da balbúrdia das ruas, lugares propícios a encontros, conversas e mexericos, que atraíam especialmente o público feminino, para o qual se destinava, aliás, boa parte da produção cinematográfica da época (Gastal, 2005; Trusz, 2010).

Artistas plásticos expunham seus trabalhos pelas paredes, enquanto músicos, mágicos, malabaristas eram requisitados para animar as projeções. Mesmo com o advento do cinema falado estas apresentações continuaram acontecendo por algum tempo antes do início das sessões, chamando a atenção para o fato de que mais importante do que o filme, era o convívio social, a fruição do lazer (Gastal, 2005).

A localização das salas de exibição também era importante. Eram freqüentadas preferencialmente pela elite aquelas que se situavam em áreas nobres, centrais, e na proximidade de lojas e cafés. O cinema, assim, permitia programas casados. O *footing* no entorno das salas era muito apreciado. A Rua da Praia (Rua dos Andradas) tornou-se o coração do *footing* até os anos 1960. Nos jornais, ao fim dos anos 1920, a crítica e os comentários aos filmes exibidos também enveredavam pelo colunismo social, comentando que a família tal estivera numa sessão muito badalada no cinema X, ou que o vestido de Fulana estava deslumbrante (Gastal, 2005).

O cinema substituiu aos poucos outros espaços de lazer, como festas religiosas, feiras, circos e teatros de variedades, se convertendo no centro da vida social e artística da cidade. Frequentá-los tornou-se um signo de elegância e de erudição.

Em 1913, com a inauguração do Guarany, na Rua da Praia, com quase mil lugares, surgiu o conceito cineteatro. Eram construções monumentais, suntuosas. O Guarany foi concebido pelo incensado arquiteto local Theo Wiederspahn. Ao lado, engastou-se o monumental Cine Imperial, inaugurado em 1931. Na esteira do Guarany proliferaram novos cinemas pelos bairros da Capital.

O Cine Theatro Capitólio foi festivamente inaugurado em 12 de outubro de 1928. O prédio foi projetado pelo arquiteto paulista Domingos F. Rocco. De propriedade do alfaiate José Faillace, foi considerado o maior e mais completo complexo de diversões da época na cidade.²

A fachada, em estilo eclético com influências açoriana e colonial portuguesa, era suavemente curva na esquina. Suas aberturas amplas e transparentes, em arco nas laterais e geometricamente retangulares ao centro, transmitiam monumentalidade.

2 *Diário de Notícias* 12 out., 1928, p. 10. *Correio do Povo*, out., 1928, p. 10. *A Federação*, 21 de dez., 1928, p. 9.

dade. A casa tinha capacidade de 1.295 lugares e uma decoração luxuosa dos interiores. Um piano acompanhava as projeções do cinema mudo. O filme de estreia foi *Casanova, o Príncipe dos amantes*, produção francesa de 1927, dirigida por Alexandre Volkoff, com o russo Ivan Mozzhukhin no papel do célebre personagem veneziano.

A sala de projeções era inspirada nos teatros de ópera. Uma platéia com cadeiras em veludo vermelho escuro esparramava-se ao centro, enquanto nas laterais corriam galerias e camarotes. Um elegante lustre de cristal iluminava o ambiente. A tela era guarnecida por longas cortinas de veludo e dispunha-se sobre um majestoso palco, lembrando que aquele espaço era dedicado também a outras formas artísticas (Axt, 2007).

Portas e cercados que orientavam o trânsito de espectadores revelavam cuidadoso trabalho em madeira. Da mesma forma, os balcões e guichês sitos à entrada. A sala de espera era sofisticada. Confortáveis sofás dispostos no seu entorno eram ocupados pelas damas porto-alegrenses.

Da fachada à tela, passando pelo *lobby*, tudo conspirava para criar uma atmosfera de surpresa e emoção. Um grande espetáculo, badalado pela elite social, suscitava o encantamento, a evasão, a fantasia, o exagero. A magia do cinema não estava apenas na tela, mas no cenário e no vozerio das pessoas que iam à sala de exibição.

Esta ambiência seduziu as classes médias. A frequência aumentou ainda mais com as crianças e os adolescentes. Surgiram as matinés, as soirées, os filmes destinados a esta faixa etária. Os *bang-bangs* eram muito apreciados. A criançada gostava de “ajudar” o mocinho batendo ritimadamente os pés no assoalho de madeira quando estava a galope, perseguindo o bandido malvado.

Os filmes não ficavam muito tempo em cartaz. Às vezes, eram projetados por apenas um dia. E já migravam para outros cinemas, mais populares, ou localizados nos arrabaldes. As casas mais elogiadas eram justamente aquelas que conseguiam manter mais variedade e alta rotatividade nas projeções. Com o tempo, os filmes foram ganhando mais tempo de exibição nos cinemas (Gastal, 2005; Axt, 2007).

No dia 21 de dezembro de 1928, um grupo de professores, organizou no Capitólio um evento em benefício da criação do Instituto Ginásial Artístico e Profissional de Cruz Alta. Em homenagem ao Intendente eleito daquela cidade foi exibido na tela em sete partes um drama, *A mulher que pecou*. Antes das projeções, o palco era ocupado por um número de música e canto.

Em 1º de janeiro de 1929 foi realizada a primeira matiné, às 14hs. O filme *O Monstro de Circo* foi exibido em meio à distribuição de brindes. A sessão foi dedicada ao aniversário de 46 anos de fundação do jornal *A Federação*, órgão oficial do Partido Republicano Rio-Grandense, que estava no poder desde a proclamação da República, no século XIX.³

Mas nem tudo eram flores. O Intendente Otávio Rocha resolveu criar uma taxa especial sobre a atividade dos cinemas na Capital. Em protesto, muitos fecharam as portas. A greve dos cinemas foi muito criticada pelo Intendente. Em alguns dias, a situação se acalmou. O Capitólio, que vivia em flertes com o poder, furou a greve.

3 *A Federação*, 1º jan. 1929, p.15. *A Federação*, 8 fev. 1929, p. 2.

No dia 8 de fevereiro de 1929, o Capitólio abrigou sua primeira festa de carnaval. O Bloco Thesouras, campeão do carnaval de 1928, animou os festejos, tocando marchinhas regidas pelo maestro Martiniano. Para abrilhantar a ocasião, exibiu-se o filme *Filha de Valência*. A prática tornou-se regular. Todos os anos a casa promovia concorridos bailes. Os blocos eram então muito disseminados, um divertimento no qual a elite e a classe média se engajavam com força. Havia muitos deles pela cidade, animando os locais mais celebrados, como os salões da Confeitaria Rocco, ou a varanda do restaurante Poletto em Belém Novo.

Assim, toda sorte de eventos culturais e sociais afluía às luxuosas dependências do Capitólio. Bailes de carnaval, peças de teatro, exposições artísticas, projeções solenes, que homenageavam alguém ou alguma instituição, concursos de misses.

O Capitólio logo ganhou o reconhecimento dos distribuidores. Passou a lançar com exclusividade em Porto Alegre os filmes produzidos pela Vera Cruz, pela Warner Brothers, pela Columbia Pictures e pela United Artists. O novo chegava sempre e cada vez mais por sua tela.

Em 1935, o Cinema passou pela sua primeira reforma. A capacidade de público foi ampliada para 1.500 lugares. O sistema de som foi modernizado. Nesse período, a casa de espetáculos viveu o seu apogeu.⁴

Porém, assim como a experiência de ir ao cinema não é única, não estaciona no tempo. Para cada época, um público, uma apreensão social diversa. Com o passar dos anos, o público especializou-se. As pessoas desejavam assistir apenas ao filme, que passou de fato a ser a atração principal. Caiu em desuso o hábito de animar o início das sessões com shows de música e de mágica ou esquetes teatrais. O cinema foi aos poucos também perdendo aquele *glamour* social dos anos 1920. Não se faziam mais sessões solenes em homenagem a alguma personalidade ou a alguma instituição. A crítica concentrou-se nos filmes, no enredo, na sua qualidade técnica, nos aspectos operacionais. Os mexericos do colunismo social migraram para outros ambientes (Gastal, 2005).

O mesmo aconteceu com as exposições de arte, os bailes de carnaval, os concursos de misses e as peças de teatro. A cidade ganhava novos espaços para estas atividades. Cinema ficou sendo só cinema.

A influência sobre a sociedade das películas exibidas e da indústria cinematográfica, em contrapartida, tornou-se extensa e profunda. Surgiram os cinéfilos, gente adicta em cinema, que conhecia detalhes diversos da produção dos filmes, que comparava a trajetória dos diretores, acompanhava a carreira dos artistas, debatia os temas tratados nas telas.

Como registra Susana Gastal (2005):

Durante a Segunda Guerra, o cinema europeu enfrenta muitas dificuldades de produção, facilitando que o cinema americano amplie sua presença, não só no mercado produtor e exibidor, mas também no ideológico, e uma outra forma de propaganda invade as telas: a do *american way of life*. A filmografia americana consolida, junto ao público local, uma preferência pelas narrativas lineares em termos de roteiros e estruturas de imagem. Quanto menos complexos, melhor.

4 *Diário de Notícias*, 6 fev. 1935, p. 10. *Revista do Globo*, n. 155, 1935.

Películas que fugissem a essa simplicidade – como *Cidadão Kane*, que estréia no país em 1942 – são recebidas com protestos.

As produções americanas também devem respeitar o código Hays, um verdadeiro código de censura, que impõe uma postura ética maniqueísta aos roteiros, em que o bem sempre deve superar o mal, e onde os casais seriam quase assexuados: beijos são apenas insinuados e camas de casal não podem aparecer nas cenas. Os filmes alemães e italianos, mais apimentados, só retornaram às telas na década de 1950, mostrando uma realidade bem menos cor-de-rosa que a das películas americanas. Passam, de imediato, a ser tratados como Cinema Arte e, se agradam aos críticos na imprensa, muitas vezes afugentam o público.

Desde os anos 1930, a arquitetura em Porto Alegre modernizava-se e verticalizava-se, progressivamente. Em 1936, o arquiteto Fernando Corona assinava o ousado esboço do Edifício Guaspari, na esquina da praça XV de Novembro com a avenida Borges de Medeiros, estalando de nova. O prédio impressionava menos pela altura – seis andares – do que pelas linhas modernistas, com uma inusitada fachada curvilínea. Esse marco do modernismo na cidade foi erguido ao lado do vetusto Malakoff, inaugurado em 1860 e que, com seus cinco andares, foi por décadas o mais alto da cidade, sendo lamentavelmente demolido em 1969, pela voragem da especulação imobiliária que tomou conta da região central da cidade. Em 1938, Fernando Corona também se responsabilizava pelo projeto da Casa Sloper, na rua da Praia. A ênfase dada às amplas vitrinas no térreo era um destaque desses projetos, pois até então as lojas possuíam aberturas convencionais. Arnaldo Gladosh projetou a nova sede das Lojas Mesbla, inaugurada em 1944. Em 1939, surgia o imponente edifício Vera Cruz, na esquina da avenida Borges de Medeiros com a rua Andrade Neves, saído da prancheta de João Antonio Neto, em cujo térreo funcionou por décadas o vibrante Cinema Vitória. Em 1949, com 17 andares no volume mais elevado, chispava no cenário o estonteante edifício Sulacap, preenchendo uma quadra inteira na avenida Borges de Medeiros. Ainda em 1936 foi aberta a Galeria Chaves, conectando a rua José Montauray com a rua da Praia e despoletando a era de ouro das galerias e passagens cobertas recheadas de lojas. Assim, o entorno do Capitólio foi se transformando, na esteira da verticalização acentuada, da modernização estilística e do adensamento urbano (Axt, 2018).

O ritmo do progresso foi rompido nos dias 18 e 19 de agosto de 1942, quando, diante da notícia de que um submarino alemão havia afundado mais um navio mercante brasileiro, rompeu violento quebra-quebra no centro da cidade, repetindo os trágicos sucessos de 1917. A depredação começou pela Confeitaria Woltmann e logo atingiu as Casas Lyra. Não foram poupados da fúria as Lojas Renner, a Krahe, o Guaspari, a Confeitaria Schramm, a confeitaria Neugebauer, o restaurante Dona Maria, o Cinema Capitólio... O prejuízo jamais foi indenizado, apesar da lamentável tolerância do interventor federal no estado, Oswaldo Cordeiro de Farias, que nada fez para conter os tumultos. Por dias e dias seguidos, os lojistas atingidos fizeram publicar anúncios no *Correio do Povo*, principal jornal local, assegurando serem brasileiros natos ou naturalizados, fiéis à pátria que haviam escolhido para viver, e que, inclusive, eram reservistas (Gertz, 1991; Axt, 2018).

Nos anos 1960, cresceu o interesse do público, sobretudo dos estudantes universitários, pela temática política. Cinema bom era aquele que fazia pensar. As pes-

soas saíam dos filmes e debatiam, às vezes por horas a fio. Cinema e intelectualidade misturaram-se. Não que deixasse de existir o gênero mais popular ou os filmes para simples diversão e fruição. Pelo contrário, a indústria crescia em todos os sentidos. E diversificava-se. Mas a amplitude do chamado cinema político foi uma novidade, comportamental até.

Com a ditadura militar implantada pelo Golpe de 1964, a censura caiu sobre as telas, de modo sistemático e escancarado. Muitos filmes tiveram a sua exibição proibida. Outros tantos foram cortados. Ir ao cinema, em alguns casos, era um ato de rebeldia. Nos anos 1970, até festivais de cinema, como o de Gramado, realizavam “sessões secretas”, que podiam sofrer batidas policiais a qualquer momento, aliás.

Não que a censura não existisse antes. O esquerdista Leonel Brizola, quando governador, em 1959, proibiu, a pedido do Arcebispo Dom Vicente Scherer, a exibição do drama dirigido por Luis Malle, *Les Amants*, com a estonteante Jeanne Moreau protagonizando uma adúltera sem crises de consciência para viver tórridas aventuras amorosas. Scherer, que se arvorara em paladino da defesa dos bons costumes, hipotecou, muito a propósito, seu apoio a Brizola em 1961, durante a Campanha da Legalidade. O último filme proibido no Brasil foi *Je vous salue Marie*, de Jean-Luc Godard, em 1986, já em plena abertura política, o que provocou manifestações em todo o País. Em Porto Alegre a projeção acabou sendo viabilizada no salão de atos da Assembleia Legislativa, no qual a polícia não poderia entrar sem um mandato especial. A afluência do público, que lotou a plateia, acabou funcionando como um ato de protesto contra os estertores da censura (Axt, 2014).

Essa época marcou o início da decadência do requintado Cine Capitólio. Em 1969, depois de quatro décadas reconhecido como um dos melhores espaços de exibição da cidade, o Capitólio foi arrendado e novamente reformado. Passou então a chamar-se Cine Première. A descaracterização traduziu bem a crise de identidade então vivida pela antiga casa de espetáculos. Dez anos depois, o prédio sofreu outra intervenção e teve seu nome original devolvido.

A partir dos anos 1960, além da censura que violentava os filmes, o cinema passou a sofrer a concorrência da televisão, artigo de consumo que se massificou. A televisão converteu-se em alternativa de lazer de considerável parcela da população, roubando público. Além disso, a melhoria das condições de vida das classes médias urbanas, na esteira do desenvolvimento econômico, suscitou o surgimento de outras opções, tais como os prolongados veraneios nas praias, luxo até então restrito às famílias mais abastadas. Em fins dos anos 1970, muito embora existisse um público informado sobre o cinema, o número de salas de exibição começava a reduzir. O problema se agravaria no futuro, com a chegada das vídeo-locadoras, mais tarde substituídas pela TV a cabo e, depois, pelos serviços de *streaming* (Zanella, 2006; Axt, 2007).

Em 1988, o Capitólio foi uma vez mais reformado. O prédio ficou fechado durante um mês e reabriu em 5 de março, com a exibição de *Hamlet*, de Laurence Olivier. Como nas interferências anteriores, não houve alteração nas fachadas, mas se instalou nova iluminação externa. A tela foi lavada e a casa ganhou moderna aparelhagem de projeção e som. Os banheiros foram modernizados e melhorados, os surrados tapetes trocados. Instalou-se um sistema de ventilação e prometeu-se para

breve o conforto de um ar-condicionado.⁵

Revigorado, o Capitólio viveu um instante de renascimento. Parecia que voltaria a ser o palácio de espetáculos do passado. Para muitos porto-alegrenses, a sala, reformada, era uma novidade. As sessões noturnas passaram a ser concorridas. Projetavam-se filmes de arte numa ambiência retrô que seduzia o público jovem. Mas os tempos eram outros.

O Centro da cidade já havia deixado de ser uma zona nobre. Envelhecera, verticalizara-se, degradara-se. Muitas famílias ilustres migraram para outros bairros, mais afastados, menos movimentados. À noite, nem sombra dos *footings* e da charmosa vida boêmia de antigamente. Também à noite, prédios de escritórios davam um ar deserto, quase desolado, para algumas áreas da região central, excessivamente agitadas durante o dia. Até o majestoso Viaduto Otávio Rocha estava a reclamar uma providencial obra de restauração.

Em abril de 1983, foi inaugurado o Shopping Iguatemi. Porto Alegre já tinha galerias e até dois centros comerciais, o João Pessoa e o Quinta Avenida Center, mas shopping, seguindo o modelo norte-americano, com todos os seus IFs, ainda não. O empreendimento dinamizou uma região da cidade que era quase um descampado. A avenida Nilo Peçanha praticamente terminava na altura do Colégio Anchieta e seguia depois como uma estradinha de chão batido. Hoje, o entorno se constitui num dos bairros mais modernos e pujantes da Capital. Multidões foram arrastadas nas primeiras semanas de funcionamento do Iguatemi. Os corredores ficaram estreitos para comportar tanta gente. Em 1984, uma joalheria do Shopping trouxe para uma campanha publicitária a diva francesa Catherine Deneuve. A presença dela no Iguatemi era um indicativo claro de que o eixo do *glamour* comercial havia mudado. Depois do Iguatemi, outros estabelecimentos congêneres surgiram. Porto Alegre tornou-se a cidade com mais *shopping centers* do País.

Com o advento dos *shoppings*, a era dos grandes cinemas de calçada chegava ao fim. Os amplos e modernos centros de compras facultavam ao público segurança, climatização e a possibilidade de realizar programas casados, com giros entre as vitrines e paradas estratégicas nas praças de alimentação. Numa época em que cada vez mais a população deslocava-se em automóveis próprios, a oferta de estacionamento farto também seduzia. Mas, sobretudo, a onda crescente de violência urbana empurrou o público para a segurança dos *shoppings*. Era um fenômeno nacional, que também se verificava em outras partes do mundo, e Porto Alegre acompanhava esta tendência (Axt, 2018; Zanella, 2006).

Os cinemas ficaram menores, ganharam em conforto e em qualidade de exibição. Atraíram de volta o público que deles havia em parte se afastado durante os anos 1980. Mas perderam o charme das antigas salas de calçada.

O Capitólio não resistiu ao novo momento. Há algum tempo, rendera-se ao desinteresse do público pelas salas tradicionais e exibia apenas filmes pornográficos. O sexo introduzira-se no cinema devagar, de forma implícita e artística, como no clássico *A Bela da Tarde*, com Catherine Deneuve, marco do erotismo. Com o tempo, consoli-

5 Zero Hora, 05 mar. 1988.

dou-se um outro gênero: nos anos 1980, a pornografia já se disseminara, constituindo-se em recurso de desespero aos exibidores com salas de calçada, que enfrentavam crise cada vez maior de afluência de público para produções mais elaboradas.

As últimas películas projetadas no Capitólio, assim, intitulavam-se *Seduzida por um Cachorro e amada por um Animal e Aprendiz do Sexo Anal*. As sessões eram contínuas, a partir das 13h30min. Depois dos anos de glória, a pornografia explicitava a extensão da decadência e do desprestígio que se abatera sobre a antiga sala (Axt, 2007).

O fim do contrato com a Fama Filmes e a devolução do prédio aos seus proprietários precipitou a crise final. A Prefeitura Municipal vinha ainda cobrando obras de segurança que os permissionários não tinham condições de realizar, ameaçando com a cassação da licença de funcionamento.

O Cine-Theatro Capitólio foi fechado em 30 de junho de 1994. Mais ou menos na mesma época, cerravam as portas outros ícones dos cinemas de calçada de Porto Alegre, como o São João, no Centro, e o Marrocos, no Menino Deus (Axt, 2007; Zanella, 2006).

Em 1965, a cidade tinha 33 salas, todas de calçada. Em 1985, das 22 salas em atividade na Capital, apenas uma localizava-se em um centro comercial. Em 1995, dos 36 cinemas em operação, 13 ainda eram de calçada. Em agosto de 2005, quando funcionavam em Porto Alegre 59 cinemas, o que representa uma média de 1 para cada 24 mil pessoas, a mais alta no País, fecharam as últimas duas salas de calçada de Porto Alegre: o Imperial e o Guarany.

Era o fim de uma era. Mas o início, também, de uma nova vida. Se não para todos os cinemas de calçada, pelo menos para um dos mais tradicionais e queridos da cidade, o Capitólio. Em 1995, reconhecendo seu valor histórico e afetivo para a cidade, a Prefeitura declarou o prédio patrimônio cultural de Porto Alegre e adquiriu-o da família Faillace, valendo-se de uma permuta de índices de construção.

A iniciativa inscrevia-se no âmbito de uma ampla política de revitalização do Centro Histórico. Prefeitura Municipal e Governo do Estado pretendiam re-urbanizar praças e passeios públicos, garantir a segurança ao cidadão e disseminar espaços culturais por toda a área.

A Casa de Cultura Mário Quintana foi inaugurada na Rua dos Andradas em 1990, onde antes ficava o magnífico prédio do Hotel Majestic. Em 1993, a Assembléia Legislativa fazia a sua parte, restaurando o Solar dos Câmara, uma aristocrática mansão colonial sita à Rua Duque de Caxias. Em mais alguns anos, o Centro reencontraria sua vocação cultural. O Capitólio poderia somar-se a este novo conjunto.

Após o tombamento, um convênio entre a Prefeitura Municipal e o Sesc permitiu o desenho de um projeto de restauração para o edifício. A entidade, que financiaria o empreendimento, ficaria responsável pela administração do espaço por 50 anos. O custo da obra foi orçado em R\$ 5 milhões. Pretendia-se construir duas salas de exibição, uma com 300 lugares, que preservaria também o antigo palco para apresentações teatrais, e outra com 350 lugares, equipada com sistemas multimídias (Axt, 2007).

Durante um mês, o Sesc realizou atividades teatrais e musicais no prédio, para celebrar a assinatura do acordo. Resgatava também, assim, um pouco do espírito mambembe que caracterizou os primeiros anos do cinema em Porto Alegre.

A construção foi cercada por tapumes. Ganhou uma placa. Mas assim ficou. As obras não decolaram. O Sesc teve dificuldades de mobilizar recursos para enfrentar o desafio. Conseguiu apenas realizar trabalhos de prospecção no solo.

O prédio entrou em degradação. Parte do telhado ruiu. Foi ocupado por ratos, cupins e morcegos. Os novos habitantes passaram a infestar a vizinhança, que se mobilizou e ajudou a criar até uma associação de amigos do antigo Cinema Capitólio – a AAMICCA. A comunidade passou a lutar pela sua restauração (Moura, 2008; Machado, 2012).

Em 1999, após sucessivos adiamentos, o prazo dado ao Sesc para a restauração expirou. O bem foi devolvido ao Município. Naufragava a primeira tentativa de restauração do Capitólio.

Mais alguns anos seriam necessários para que o projeto saísse do papel. Em 11 de novembro de 2003, a Prefeitura firmou novo convênio, dessa vez com a Fundação, fundação de amparo e estímulo ao cinema gaúcho criada oficialmente em 21 de dezembro de 1998, como resultado de uma parceria entre a iniciativa privada, o Governo do Estado e produtores e exibidores cinematográficos do Rio Grande do Sul.

Sob a supervisão da Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal de Cultura e do Escritório de Projetos e Obras da Secretaria Municipal Obras e Viação, elaborou-se novo projeto de restauração, assinado pelos arquitetos Marcelo Fernandez e Telmo Stensmann. A Fundacine propôs um plano à Lei Federal de Incentivo à Cultura e foi contemplada com patrocínio da Petrobrás, em 2004.

A Fundacine, a Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e a AAMICCA realizaram, na noite de 26 de outubro de 2004, a apresentação do projeto arquitetônico da Cinemateca Capitólio à comunidade gaúcha. Na ocasião, foram ratificados os convênios entre Fundacine, Prefeitura Municipal e Ministério da Cultura (MinC), a fim de consolidar os compromissos de implantação. O evento aconteceu nas ruínas do prédio. Houve intervenções cênicas do grupo Falus & Stercus e exibição do vídeo com cenas de filmes antigos (Axt, 2007).

Depois de 10 anos de completo abandono, o prédio começava a renascer. Enchia-se de vida, num anúncio alvissareiro dos tempos que estariam por vir. O Capitólio tinha novamente a chance de converter-se em um pulsante órgão cultural. As obras começaram em dezembro. A primeira parte se encerrou em 2006. Houve, então, a partir daí dificuldades de reunir os valores necessários para a conclusão. A Fundacine conseguiu captar verba adicional com o BNDES, que foi destinada aos sistemas elétricos, de ventilação e para a aquisição de mobiliário e equipamentos. A inauguração foi sendo adiada. Finalmente, a Petrobrás operou novo aporte de recursos, permitindo a entrega do bem à população.

O resultado foi um centro cultural com 1.730 m², quatro pavimentos, pelos quais se distribuem cinema (com 164 lugares), sala de exposições, arquivo, sala de pesquisa, sala multimídia (com capacidade para até 40 pessoas), loja e cafeteria.

O empreendimento foi inaugurado em 25 de março de 2015. O evento foi assinalado com a exibição do curta *O Início do Fim* (2005), de Gustavo Spolidoro, rodado nas ruínas do prédio antes de seu restauro, e o histórico *Vento Norte* (1951), primeiro longa sonoro produzido no Rio Grande do Sul, dirigido por Salomão Scliar e com participação de Josué Guimarães no roteiro (Feix, 2015).

A sala de cinema passou a ter uma programação variada e dinâmica, que encanta cinéfilos e interessados por documentários, reproduzindo de filmes antigos a películas de menos apelo comercial sobre os mais diversos temas. Mostras são programadas, em parceria com outros segmentos organizados, repercutindo no meio cultural e acadêmico. Como a Tela Indígena, promovida em setembro de 2018 pelo Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que foi merecedora de resenhas acadêmicas. Na sua terceira edição, projetou 27 filmes, de quatro países diferentes, acolhendo debates com o público e os produtores, depois das sessões. A iniciativa deu visibilidade a um segmento da população pouco conhecido e divulgou obras de sensibilidade e qualidade artística que dificilmente teriam acolhida nos circuitos comerciais, desse modo cumprindo um extraordinário papel cultural, científico e educativo (Santos, 2018).

O Capitólio, assim, depois de mais de 20 anos de abandono ou de delongas manifestas em moroso processo de restauro e readequação, reencontrou a sua vocação. Como lugar de memória (Nora, 1993), sua fachada e ambiência funcionam como uma janela de cognição para um tempo que já passou, testemunhando o período áureo do *glamour* dos cinemas de calçada e de uma arquitetura eclética e decorativa, hoje em grande parte demolida e substituída por expressões do modernismo. Mais do que isso, a inauguração criou um novo espaço para a coleta e tratamento de importante acervo ligado ao audiovisual. A sala de cinema e os espaços de vivência se tornaram concorridos, atraindo público vivaz e ajudando a revitalizar um ponto da área central que se encontrava envelhecido e desgastado.

Referências

AXT, Gunter. A participação da iniciativa privada nacional no setor elétrico gaúcho - Uma Perspectiva das Maiores Empresas (1887-1929). *História em Revista* (UFPel), Pelotas, v. 4, n.1, p. 63-94, 1998.

AXT, Gunter. . *Cine-Theatro Capitólio: um olhar em transformação*. Porto Alegre: Fundacine, 2007.

AXT, Gunter. *A Faculdade de Direito de Porto Alegre*, UFRGS: memória, ensino e política, desde 1900. 1. ed. Porto Alegre: Paiol, 2014.

AXT, Gunter; LONGHI, Pedro Henrique; WILD, Flávio (orgs.). *Theatro São Pedro: 150 anos*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

AXT, Gunter; WILD, Flávio; BUENO, Fernando. *Tradição e arte em receber (1808-2018): uma história da hospedagem e alimentação em Porto Alegre e região*. Porto Alegre: Paiol, 2018.

BAKOS, Margareth M. *Porto Alegre e seus eternos intendentess*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BORDAT, F. & ETCHEVERRY, M. *Cent ans d'aller au cinema*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1995.

DAMASCENO, Athos. *Colóquios com a minha cidade*. Porto Alegre: Globo, 1974.

FEIX, Daniel. Após mais de 10 anos de obras, Cinemateca Capitólio será inaugurada nesta sexta. *Zero Hora*, 25 de março de 2015.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1992.

GASTAL, Susana. Salas de Cinema: a cultura entre o lazer e o prazer. In: AXT, Gunter & Schüller, Fernando (orgs.). *4 X Brasil. Itinerários da Cultura Brasileira*. Porto Alegre: Editora Artes & Ofícios, 2005.

GERTZ, René E. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. Memórias sociais e políticas de preservação: legislações públicas e relatos orais sobre o patrimônio tombado Cinetheatro capitólio (Porto Alegre, RS). *Anais do congresso de História Oral, ABHO*, 2012.

MOURA, Simone Rolim. *Entre memória e preservação: uma etnografia sobre a implantação da Cinemateca Capitólio, em Porto Alegre – RS*. Porto Alegre, dissertação de mestrado PPG antropologia social, UFRGS, 2008.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Revista Projeto História, São Paulo*, 10, p. 7-28, dez. 1993.

PFEIL, Antonio Jesus. Eduardo Hirtz, o pioneiro. *FilmeCultura*, ano 8, nº 25, 1974.

PFEIL, Antonio Jesus. Cinematógrafo e o cinema dos pioneiros. In: BECKER, Tuio. (Org.). *Cinema no Rio Grande do Sul. Cadernos Porto & Vírgula*, 8. Porto Alegre: Unidade Editorial/PMPA, 1995.

SANTOS, Eloína Prati dos. Mostra Tela Indígena – 13 a 18 de setembro de 2018, Cine Capitólio, Porto Alegre, RS, Brasil. E outros comentários sobre filmes indígenas contemporâneos no Brasil. *Interfaces Brasil-Canadá, Florianópolis-Pelotas-São Paulo*, vol 18, n. 3, p. 226-242.

SCHVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. In. *Revista Brasileira de História, ANPUH*, vol. 25, nº 49, jan-jun, 2005, págs. 153-174.

SIMÕES, Inimá. *Salas de cinema em São Paulo*. São Paulo: SMC, 1990.

SPALDING, Walter. *Pequena História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1967.

STEYER, Fábio Augusto. *O Cinema em Porto Alegre - RS (1896-1920)*. Porto Alegre: s\ed., 1998.

TRUSZ, Alice Dubina. *Entre Lanternas Mágicas e Cinematógrafos: as Origens do Espectáculo Cinematográfico em Porto Alegre (1861-1908)*. Porto Alegre: Ecofalante, 2010.

ZANELLA, Cristiano. *The end: cinemas de calçada em Porto Alegre (1990-2005)*. Porto Alegre: Ideias a Granel, 2006.

Recebido em: 02/07/2019

Aprovado em: 17/10/2019